

## UM CEARENSE NOS PAMPAS

Antônio Sales não se daria bem com aquelas quadrinhas espirituosas publicadas, diariamente, no Correio da Manhã pela seção Pingos e Respingos e cujo mote todo o Rio sabia de cor: "Só tu, Seabra, não sais".

O nosso poeta não atendeu às injunções de amigos nem às interferências de Domício da Gama que aparecera, no caso, como mediador assegurando-lhe sutilmente que caso se entendesse cordialmente com Seabra e deixasse a redação do jornal de Edmundo Bittencourt nada lhe aconteceria. Muito pelo contrário . . .

O nosso poeta não cedeu, obrigaram-no a se licenciar pelo Tesouro, partia para as Águas Virtuosas de Lambari em janeiro de 1904 com a esposa, ali passando dois meses e vinte dias. Em 22 de março seguia para Juiz de Fora mas já informado pelos jornais de seu desterro para o extremo sul do país. Retornaria ao Rio e pelo vapor Satélite, às dez horas e meia da manhã de 25 de setembro iria cumprir o seu castigo. A 2 de outubro chegava por aquelas bandas traduzindo no soneto Exílio a sua amargura e a sua saudade:

*"Bem vejo que outro céu me cobre a fronte,  
céu onde o sol tão vivo não fulgura;  
a montanha não fecha no horizonte  
a extensão da monótona planura.*

*Por essas tristes árvores, insonte,  
encimadas de pálida verdura,  
espero em vão que um tom vivo reponte  
do ar cinzento na ríspida friura.*

*O mar não tem a cérula nuança,  
que é a grata cor dos olhos da bonança,  
aos marujos sorrindo alvissareira.*



*Isto é o exílio. . . E o sinto melhor quando  
busco e não vejo os ares dominando  
o soberano vulto da palmeira."*

Os jornais locais noticiam-lhe a presença. O poeta Alcides Miller, jovem literato de vinte e três anos de idade, na sua seção Vida Literária faz uma bela apreciação das obras e da vida de Antônio Sales. Pede-lhe uns versos para publicação em sua folha. A resposta não se fez esperar:

#### MUSA ADUANEIRA

*"Em conversa pediu-me um companheiro  
uns versos meus que o seu jornal imprima,  
mas, pobre burocrata forasteiro,  
ave sem pouso, errante noutro clima,*

*eu não pudera no mental celeiro  
achar idéia que no verso exprima:  
só tenho tinta negra no tinteiro  
e é de ouro a tinta que convém à rima.*

*A minha musa se meteu em pândega,  
e abandonou-me, já vão muitos dias,  
entre as paredes da repartição.*

*Meu Parnaso é a cúpula da Alfândega,  
e, em vez de Homero e de Gonçalves Dias,  
leio a Tarifa e a Consolidação"*.

O pobre burocrata forasteiro, doente, saudoso, ainda mais neurastênico, colaborava com algumas crônicas para a imprensa do Rio Grande, como Judeus no Rio Grande e a apreciação, em outubro, dos versos de estréia de Alcides Miller, Em Surdina.

Recebia a visita do jornalista e poeta Castro Menezes,<sup>1</sup> de passagem por Porto Alegre. *"Sentado à borda do meu leito e segurando-me a mão, falou-me, com ternura fraternal, de minha cura e emprazou-me pra encontrar-me mais tarde no Rio"*, lembraria Antônio Sales o amigo, numa crônica de saudades datada de março de 1920.

No ano seguinte, 1905, a 5 de fevereiro, mais um artigo, Caboclos Repentistas e a visita à fábrica de biscoitos Leal Santos; satisfeito com o que vira em matéria de organização, higiene e disciplina, escreveria Uma Fábrica Nacional. Em março do mesmo ano publicaria Os Viajantes Lanques.

Os meses se passam, os sofrimentos perduram e os deuses resolvem recambiá-lo para a Metrópole. E a 29 de abril lá aportava, alquebrado mas não



vencido, orgulhoso por trazer dentre os seus guardados os originais de seu canto de exaltação ao Ceará, o poema Minha Terra, "um preito de amor e saudade que eu devia à terra natal".

## NÓTULAS

- <sup>1</sup> Ler "Castro Menezes", 11º capítulo de *Carvalhos e Roseiras*, de Humberto de Campos.

### O ROSSO DIA

Quando o sol do ano o Século, Pátria,  
que não se abate ao seu ombro,  
mas se ergue ao seu lado,  
e mostra que é o dia do futuro.

Quando o sol do ano o Século,  
que não se abate ao seu ombro,  
mas se ergue ao seu lado,  
e mostra que é o dia do futuro.

Quando o sol do ano o Século,  
que não se abate ao seu ombro,  
mas se ergue ao seu lado,  
e mostra que é o dia do futuro.

Quando o sol do ano o Século,  
que não se abate ao seu ombro,  
mas se ergue ao seu lado,  
e mostra que é o dia do futuro.

A nota é obra de Antônio Sales intitulada *Agulhas e Alfinetes*, e nela descrevem episódios políticos registrados durante os governos de Afonso